

# EM BRANCO E PRETO: A FRONTEIRA DO CORPO NO VIDEOCLÍPE “THIS IS AMERICA”, DE DONALD GLOVER

Ânderson Martins Pereira <sup>1</sup>

Ariane Ávila Neto de Farias <sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo analisar as representações de corpos brancos e negros, bem como as relações estabelecidas por eles no videoclipe, “This is America”, do artista estadunidense Donald Glover. O ator performa corpos brancos e negros que se opõem, mas que ao mesmo tempo se travestem um do outro em um jogo de ressignificação que acaba sempre reiterando o corpo negro na posição de sujeito marginalizado, por um discurso embebido de uma hegemonia branca. Para tanto, ao compreendermos o trabalho de Glover como uma construção discursiva, carregada de história e, conseqüentemente, permeada por ideologias, partiremos dos estudos realizados por Michel Pêcheux (1938-1983), estudioso da Análise do Discurso. O recorte teórico se deve pelo entendimento de que a mencionada área, ao pontuar o trabalho da linguagem, busca compreender o funcionamento dos discursos em seus diferentes contextos de uso. Em vista disso, assinalamos que o vídeo ao denunciar o racismo estrutural existente na sociedade norte-americana, pontua a necessidade de um corpo negro que se faz protagonista de sua própria história.

**Palavras-Chave:** Corpo; This is America; racismo.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras com ênfase em Estudos Literários, na linha de Sociedade, (inter)textos literários e tradução nas Literaturas Estrangeiras Modernas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo sido bolsista CAPES. Possui graduação em Licenciatura em letras -Português/ Inglês - pela Universidade Federal do Pampa (2012) e especialização em Linguagem e Docência (2014), pela mesma instituição. Mestre em letras com área de concentração em literatura comparada na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), período no qual foi, também, bolsista CAPES. Atualmente, é professor de português e inglês no Instituto Federal Farroupilha( IFFAR), campus Alegrete. Atua também como tutor a distância do curso de Letras - habilitação português e respectivas literaturas - da Universidade aberta do Brasil (UAB), vinculada à universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)..

<sup>2</sup> Doutora em Letras, com ênfase em História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Possui graduação em Letras, com habilitação em português, inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e mestrado em Letras, com ênfase em Literatura Comparada, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atualmente, é professora de português e inglês no Instituto Federal Farroupilha, campus Frederico Westphalen; atua também como Coordenadora de Ações Afirmativas (CAA) do campus.

**ABSTRACT:** The present work aims to analyze the representations of black and white bodies, as well as the relationships recorded by them in the video clip, “This is America”, by the American artist Donald Glover. The actor performs white and black bodies that oppose each other, but at the same time crossdress each other in a game of reframing that always ends up reiterating the black body in the position of a marginalized subject, through a speech imbued with white hegemony. To do so, understand Glover's work, as a discursive construction, loaded with history and, consequently, allowed by ideologies, based on studies carried out by Michel Pêcheux (1938-1983), a student of Discourse Analysis. The theoretical feature must understand what is related to the area, the punctuation, or the work of language, research to understand the functioning of the speeches in their different contexts of use. Because of this, select the video and denounce the structural racism that exists in American society, highlight the need for a black body that makes the protagonist of its own history.

**Keywords:** Body; This is America; racism.

## Introdução

Este trabalho pretende analisar o videoclipe “This is America” que é dirigido e estrelado pelo ator estadunidense, Donald Glover, reconhecido mundialmente pelo pseudônimo, Childish Gambino. O vídeo, lançado no dia cinco de maio de dois mil e dezoito conta com 657.043.091 (seiscentos e cinquenta e sete milhões, quarenta e três mil noventa e uma) visualizações no Youtube. A abordagem e a denúncia sobre as tragédias que envolvem a comunidade negra, bem como acerca do racismo estrutural em nossa sociedade colaboraram para a grande popularidade da obra, confirmada pelos números acima apresentados.

A problemática do lugar é delimitada desde o título do vídeo, “This is America”, mostrando que a especificidade dos Estados Unidos da América será levada em consideração. Ademais, o título é provocativo de um discurso totalizante que entende os Estados Unidos e América como sinônimos, mostrando uma visão hegemônica estadunidense que provoca o apagamento das demais culturas e nacionalidades que formam as Américas.

Dessa maneira, o criador/diretor se utiliza de vários simbolismos e referências ao país para explorar as temáticas propostas durante os quatro minutos e quatro segundos de duração do vídeo. O seu conteúdo foi tema de inúmeras discussões à época de sua publicação. Assim, foram diversos os sites, canais do Youtube e usuários do Twitter que explicitaram os elementos utilizados na narrativa de forma a legitimá-la, ou de torná-la mais palatável ao público de massa. Neste sentido, este trabalho não objetiva um fazer

distinto, na medida em que versa sobre os significantes e significados do videoclipe, mas inova ao fazê-lo com ênfase na égide do corpo.

Para tanto, buscar-se-á analisar a dicotomia de corpos brancos e negros que se opõem, mas que ao mesmo tempo se travestem um do outro em um jogo de ressignificação que não os modifica, mas que, em qualquer perspectiva, corrobora para hegemonia branca. Por fim, assinala-se que, ao analisarmos um videoclipe, pretendemos compreender seu funcionamento como materialidade discursiva. Optou-se por uma análise que parte dos estudos realizados pela área de Análise do Discurso de linha francesa (AD), pensada pelo teórico Michel Pêcheux (1988).

Pelo objetivo exposto, faz-se necessário introduzir algumas máximas da AD importantes para o trabalho. O primeiro deles, apontado por Pêcheux (1988), é de que a mencionada área afirma que o foco de sua abordagem é compreender o funcionamento de um texto. Ademais, Orlandi (2010) assinala que a AD concebe também a imagem como unidade de análise. Essa, segundo a teórica, dá acesso ao discurso desde que inserida na história e produzindo sentidos. A autora ainda (2010), ao assinalar esses aspectos, remete às ideias defendidas por Pêcheux (1988 [1975]), considerado um dos fundadores da AD, de que ao se analisar um texto, propõe-se não apenas a apreensão do que ele, primariamente, diz, mas a compreensão da forma com que esse funciona nos mais variados contextos em que ele é proferido. Outro ponto relevante ao se refletir acerca da AD, é a de que, para Pêcheux, o discurso é constituído a partir da exterioridade da língua.

Além disso, os interlocutores são apontados pelo teórico francês como importantes agentes na produção de sentidos do discurso. Desse modo, o discurso assumiria diferentes sentidos que os sujeitos de um enunciado são capazes de produzir e compreender de acordo com as formações discursivas nas quais estão inseridos. Por esse motivo, o sentido de um discurso sempre pode ser outro e o seu sujeito-autor não tem controle do que nele está dizendo (ORLANDI, 1996). Sobre isso, Pêcheux (1988 [1975]), p. 160) afirma que, o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe 'em si mesmo', isto é, não existe em sua relação transparente com a literalidade do significante, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. Pode-se resumir essa tese através da afirmativa de que as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo posições sustentadas por aqueles que as empregam.

Entende-se, dessa maneira, que a AD, reconhece que os sujeitos do discurso se constituem a partir de sua relação entre linguagem e história. Quanto à ideologia, de acordo com Orlandi (1996), essa seria a interpretação de sentidos em uma determinada direção definida pela relação entre o sujeito, a língua e a história, ou seja, ela é o que

direciona o sentido e determina o posicionamento dos sujeitos na conjuntura social. A ideologia então constitui o sujeito e os sentidos por ele produzidos.

Portanto, os sentidos se modificam conforme as formações discursivas nas quais o sujeito está inserido. Entendemos aqui formação discursiva como o que pode (e o que não pode) e também o que deve (e o que não deve) ser dito em uma determinada conjuntura social (Pêcheux, 1988 [1975]). E, considerando que todo texto é atravessado por uma (pelo menos) ou mais formações discursivas, pode-se salientar que, todo discurso é passível de diversas interpretações, mesmo que não estejam em concordância com a intenção inicial do sujeito-enunciador.

Por isso, tanto a produção quanto o entendimento dos efeitos de sentido produzidos entre interlocutores dependerão também da imagem social que eles atribuem um ao outro, da interpelação ideológica. Pêcheux e Fuchs (1997 [1975]) cita o exemplo da formação imaginária que patrão e empregado têm um do outro explicitando que o modo como se comportam já está socialmente posto pela ideologia.

Do mesmo modo, videocliques não servem apenas como mero entretenimento, mas ajudam a reforçar um imaginário sobre a pessoa negra que é social, ou seja, faz circular dizeres sobre o papel social dessa figura, os quais são materializados tanto na linguagem verbal, quanto nas imagens utilizadas. Contudo, como se verá na análise que se segue, “This is America” busca na representação crua das relações entre corpos brancos e pretos, desnudar e criticar o preconceito estrutural.

### **“Sim, está é a américa”: corpos construídos a partir de um discurso segregacionista**

O vídeo “This is America” mostra que pretende questionar o paradigma racista que embasa o funcionamento da sociedade norte-americana. Um racismo responsável tanto pela fatalidade que ronda os corpos negros, como alimenta a necessidade de embranquecimento desses corpos. Portanto, ao analisarmos os efeitos de sentido produzidos pela performance de um corpo negro, trazemos nessa análise o valor histórico de poder hegemônico da pessoa branca que carrega o discurso opressor e que define o que é fugir desse padrão na nossa sociedade ao longo dos anos. Sobre corpos, Louro (2000, p. 8) afirma que “é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar”. Assim sendo, ao nascermos e possuímos determinada genitália, cor de pele, tipo de cabelo, etc. já somos designados a determinadas identidades que definem como devemos agir durante nossas vivências diárias. No mesmo sentido, Patricia Collins

fala acerca do conceito “imagens de controle”, ao refletir acerca do racismo e os estereótipos que permeiam a mulher negra:

[...] vários grupos têm imagens que são aplicadas a eles e que são usadas para manter relações de poder ou controlá-los de diversas formas. [...] E essas imagens, na ausência de oportunidades para as pessoas se conhecerem e formarem opiniões sem essas imagens no caminho, se tornam as bases de relações de poder, se tornam fatores em relações de poder (COLLINS, online, 2019).

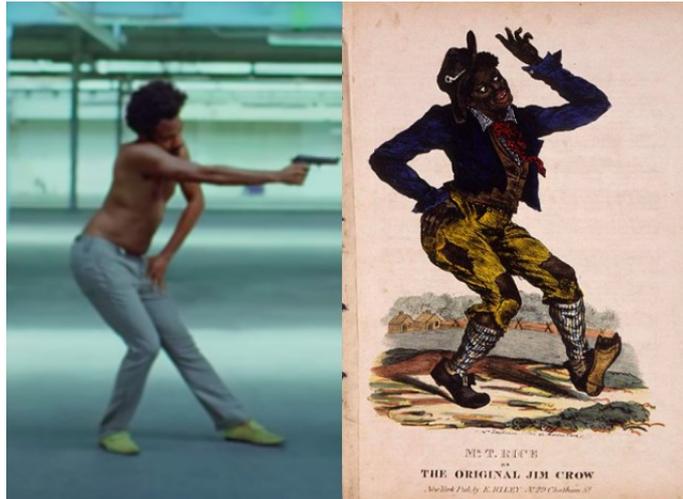
A fala da teórica registra a ideia de que construímos e pensamos a nossa realidade a partir de noções que partem de pessoas que ocupam espaços de poder. Conceitos perceptíveis nas sociedades que corroboram para desumanização do sujeito negro e que colocam o corpo negro como algo sem importância, isto é, um discurso que propaga violência.

Dessa maneira, o artista traz um discurso polêmico desde o começo do material audiovisual, ao trazer uma discussão sobre o corpo branco que se pinta de negro. Tal proposição não aparece em primeiro plano no videoclipe, mas é reproduzida na posição corporal assumida por Childish Gambino. Essa pose é usada em referência a Jim Crow, personagem do performer e dramaturgo norte-americano, Thomas D. Rice. Rice, ao se pintar de preto, apresentava, através da figura de Crow, os diferentes estereótipos acerca da vida dos escravos nos Estados Unidos. Esse é um personagem trapaceiro que endossa os preconceitos e estereótipos negativos associados ao negro (homem burro, que veste trapos e faz trapalhadas em suas andanças). É pela popularização de tais ideais racistas, que o conjunto de Leis Jim Crow<sup>3</sup> será criada, logo após a morte de Rice. Essas leis foram promulgadas entre o final do século XIX e início do século XX, tendo essas, papel fundamental na segregação dos Estados Unidos, dividindo negros e brancos, perante a justiça, até o ano de 1965. Na imagem abaixo, pode-se perceber a similitude da pose entre Gambino e Crow.

Figura 1 -Frame retirado do video clipe “This is America (à esquerda) e Cartaz do Show de Jim Crow (à direita)

---

<sup>3</sup>As leis Jim Crow criaram impedimentos legais aos negros, que tinham o direito ao voto negado, a partir das 14ª e 15ª emendas da Constituição e da Declaração dos Direitos de 1875, as quais asseguravam que direitos fossem invalidados por governantes. Em alguns estados, por exemplo, negros eram submetidos a um exame sobre a constituição, em outros se exigia que seus antepassados já tivessem votado uma vez, o que seria impossível por eles terem sido escravizados.



Fonte: Acervo Pessoal

No decorrer do videoclipe pode-se perceber que, para além das mãos curvadas à cintura, a mão livre de Gambino segura uma arma contra um indivíduo negro que não oferece defesa, que está sentado de costas, com um saco tapando seu rosto. Essa pose problematiza a essência de Crow, que mesmo não segurando uma arma em suas mãos, representa a morte e a segregação de vários negros.

É importante observar que ao pintar-se de preto na tentativa de corporificar o outro, o personagem de Rice busca confirmar a diferença entre esses corpos, principalmente pelas características escolhidas pelo autor para representar esse sujeito negro; atributos que reforçam a ideia de que o corpo branco seria superior ao preto, podendo ridicularizá-lo. David Le Breton (2010), neste sentido, versa sobre o corpo dizendo que,

De imediato, o destino do homem se inscreve na conformação morfológica; a “inferioridade” das populações destinadas à colonização ou já colonizadas por “raças” mais “evoluídas”; justifica-se o destino das populações trabalhadoras por alguma forma de debilidade. Finalmente, a ordem do mundo obedece a uma ordem biológica cujas provas são encontradas nas aparências corporais ( p. 17)

A citação de Le Breton denota o corpo como segregado e agente da segregação; é a partir da inferiorização de um certo tipo de corpo na sociedade, historicamente colocado em uma posição de subjugação, que discursos são criados de forma a manter essa hierarquia. A segregação apregoada pelo personagem Crow é uma maneira de extirpar certos espaços do corpo negro, corroborando uma violência simbólica que se vale, quer do estatuto de verdade, como Michel Foucault (2004 [1970]) bem coloca em *Ordem do discurso*, quer da docilização desses corpos por meio de aparatos de controle (FOUCAULT, 2014 [1975]). Sobre o tema, Denise Witzel pontua que:

é necessário esclarecer que o corpo em questão não é, obviamente, o corpo objetivo, material e mortal, resultado de uma somatória de átomos e moléculas que desempenham funções fisiológicas e biológicas, tampouco o corpo inerte com suas propriedades eternas. Mas o corpo imerso na história, fabricado discursivamente; logo, o corpo como irrupção de um acontecimento. Trata-se de uma construção simbólica inscrita em redes de poder e resistências. Possui uma história física, estética, política, ideal e material, que se transforma nos tempos e nos espaços. (WITZEL, 2014, p. 530)

Isto é, o corpo não é materialidade existente pré-discurso, "nem as identidades são uma decorrência direta das 'evidências' dos corpos" (LOURO, 2000, p.8). Dessa forma, depreende-se que os corpos apenas fazem sentido se pensados socialmente, pois as narrativas e performances são provenientes de discursos moldados de acordo com suas condições de produção em determinado momento histórico e social, bem como suas relações de poder. Ao invés de se pretender "ler" brancos e negros, a partir de suas características físicas, faz-se mais eficaz compreender essas características como "sendo discursivamente inscritas nos corpos e se expressando através deles" (LOURO, 2000, p. 9). Características essas que distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder. Corpos considerados "normais", então, também possuem determinadas marcas que a sociedade arbitrariamente definiu como legítimas através de relações de poder.

Já a cena que se segue ao disparo desferido por Gambino, destaca a comercialização da violência e da morte do corpo negro. O ator, ao afirmar que "esta é a América", entrega a arma usada na cena anterior a um menino que a envolve, com todo o cuidado, em um pano vermelho enquanto o corpo estirado no chão é puxado pelos braços, sem a menor cautela, por outros indivíduos que surgem em cena. Ao encenar esse ato, Gambino sinaliza a importância dada às armas nos Estados Unidos da América em detrimento aos corpos de pessoas negras. De acordo com matéria veiculada na Folha de São Paulo<sup>4</sup>, em janeiro de 2019, nos EUA, homens negros têm 14 vezes mais chances de morrerem baleados que os brancos. Ao refletir acerca do genocídio do antinegros, João Costa Vargas aponta que:

[...] esse está no centro das fundações da nossa sociedade, este também está no núcleo de nossa cognição – nós damos sentido e buscamos a boa sociedade, muitas vezes inintencionalmente, de acordo com as frequentes e

---

<sup>4</sup> Os dados informados pelo jornal eletrônico foram retirados de um estudo publicado na *Annals of Internal Medicine*, realizado por Corinne Riddell, Sam Harper, Magdalena Cerdá e Jay Kaufman. Os dados foram coletados entre 2008 e 2016, nos 50 estados do país.

silenciosas expectativas de que negros não são inteiramente seres humanos e conseqüentemente não são dignos da completa inclusão nesta sociedade (VARGAS, 2010, p. 60).

O excerto acima apresentado ratifica a ideia de que são os negros que ocupam os lugares sociais em que o branco não pode ser alocado. Os corpos negros, como embasamento de padrões éticos e culturais, assumem no discurso hegemônico branco as posições de bandido, vagabundo, marginal, etc., solidificando a noção de que a expectativa de vida do sujeito negro é menor que a do sujeito branco.

Ademais, na performance de Gambino é premente o discurso de superioridade branca via corpos que buscam de alguma forma “embranquecer-se”, seja pela via social seja pela negação da pele negra. Como efeito colateral a uma posição subalterna ou de forma a legitimar-se, esses negros tornam-se agentes do próprio racismo. Um discurso que pode ser lido na obra de Gambino é o da relação performática que esse estabelece com o personagem Uncle Ruckus, da série animada *The Boondocks*. Ruckus representa um homem negro que legitima e propaga um discurso de ódio contra corpos da mesma cor que o seu. A imagem abaixo traz a comparação entre os dois personagens:

Figura 2 -Frame retirado do videoclipe “This is America (à esquerda) e Frame do personagem Uncle Ruckus retirado da série *The Boondocks* (à direita)



Fonte: Imagem retirada do texto de Héctor Llanos Martínez (2018) para o jornal *El País*

Gambino, ao representar, através de sua expressão facial, o personagem da animação mencionado, apresenta um discurso que sinaliza, para além da busca do negro em padronizar-se em uma sociedade branca, a sua necessidade em performar características discursivamente atreladas ao branco como forma de inserção e aceitação social. Gambino e

Ruckus apontam que este processo é perpassado por uma sociedade que relega à desvalia o corpo negro, logo a existência de racismo entre os negros é arbitrária.

Sobre a importância do contexto social, segundo Orlandi (2012, p. 78), o discurso só é acessível pela sua materialidade, o texto, que é sua unidade de análise. E, sendo o texto a materialidade do discurso, ele somente faz sentido se associado às suas condições de produção, neste caso um desenho animado que retrata uma família negra de classe baixa, relegada espacialmente às margens da cidade. Logo, ele é efeito de sentidos produzidos entre sujeito autor e sujeitos leitores, a Análise do Discurso está interessada no texto não como um objeto pronto de estudo, mas como a unidade que dá acesso ao discurso e os efeitos de sentido nele contidos, pois o analista de discurso não se preocupa com o que o texto quer dizer, mas como esse texto funciona (Orlandi, 2012). É neste contexto que a personagem Uncle Ruckus se insere e sua negação do próprio corpo, buscando “pintá-lo” de branco se explica.

No afã de fugir do rechaço, do preconceito e dos maus-tratos, muitos negros dão suporte a um ideal branco hegemônico. Assim, performances discursivas de corpos brancos e negros se contrapõem numa relação de poder e aceitação social. Segundo Moita Lopes (2013a, p. 243), isso não quer dizer que somos “fadados a repetir continuamente performances já formuladas para os nossos corpos, mas que vivemos sob regulamentos muito bem explicitados”.

Abaixo buscou-se transcrever uma fala<sup>5</sup> do personagem Ruckus, que demonstra o até então afirmado:

Eu acordo às 4: 45 toda manhã, isto é mais ou menos doze horas antes que a maioria dos pretos acordam. Eu sou uma pessoa muito espiritual. Eu começo cada dia agradecendo aos brancos pelo nascer do sol, por essa terra em que caminho, pelo ar que eu respiro. Eu também lhes peço desculpas pelos pretos, pois o Senhor sabe que eles não irão se desculpar sozinhos. Eu não sou negro nem me considero negro. Muitas pessoas me confundem com pretos, porque eles não sabem que eu sofro atualmente de um severo vitiligo reverso. (CARTOON NETWORK, 2005, online)<sup>6</sup>

A partir da fala do personagem pode-se observar o quanto a fronteira do corpo incomoda esse personagem, visto Ruckus ser pertencente à uma sociedade que marca

---

<sup>5</sup>a transcrição foi feita do desenho em inglês e conta com a tradução para português no corpo do texto

<sup>6</sup> Do original: *I Wake up at 4:45 am every morning, that is about 12 hours before most niggas wake up. I am a very spiritual person. I start each day by thanking the white man for the sun rise, for the land I walk on, for the air I breathe. I also apologize for niggas for lord knows they ain't apologize for themselves. I am not black not consider myself to be black . Many people mistake me for being a negro because they don't know I am currently living with a hard break of revitiligo* (Minha tradução)

nesse o principal elemento de poder. Na busca de pertencimento, o personagem, ao reverberar um discurso do sujeito branco dominante, buscando subterfúgios para justificar a cor de sua pele. Le Breton (2010) fala no corpo como fronteira entre os indivíduos e demarcação entre o Eu e o Outro e, neste sentido, o travestir-se em outro é uma relação interdiscursiva. Ainda assim, divergentemente do caso de Crow, que se traveste de negro para ridicularizá-lo, Ruckus vê em seu devir branco uma oportunidade de ascensão social. A fala de Le Breton (2010) assinala o acima sugerido:

Como a crise da legitimidade torna a relação com o mundo incerta, o ator procura, tateando suas marcas, empenhar-se por produzir um sentimento de identidade mais favorável. Hesita de certa forma com o encarceramento físico do qual é objeto. Dá atenção redobrada ao corpo lá onde ele se separa dos outros e do mundo. (LE BRETON, 2010, p. 10-11)

Assim, pode-se dizer que quando o negro busca “embranquecer-se”, este o faz por uma imposição do próprio sistema, que subjuga sua identidade e seu corpo e insere nele o desejo de se tornar o outro, de possuir poder que lhe foi negado e dado exclusivamente ao grupo de homens brancos.

Neste mesmo âmbito, pontua-se que é sintomático que Gambino esteja usando calças muito parecidas com as usadas pela Confederação - grupo de seis estados dos Estados Unidos que buscavam independência para impedir a abolição da escravatura. Contudo, essa tentativa de tornar-se o opressor, de “embranquecer-se”, é frustrada, como advogará o próprio videoclipe, afinal de contas, o corpo, principal meio de marcação entre o grupo dominado e o grupo dominante, não consegue sofrer reais mudanças. O corpo negro segue sendo um corpo negro, subjugado pelo corpo branco:

Você é apenas um cara negro neste mundo/ Você é apenas um código de barras, ayy/ Você é apenas um cara negro neste mundo/ Dirigindo carros importados, ayy/ Você é apenas um grande irmão, sim/ Eu acorrentei ele no quintal/ Provavelmente não é vida pra um cachorro/ Pra um cachorro grande. (GLOVER, 2018, online, tradução nossa)<sup>7</sup>

A frase acima é dita após o único *fade-in*<sup>8</sup> do clipe, dado que os cortes não são aparentes e ao espectador parece que a câmera passeia por um cenário sem fim. O *fade-in*

---

<sup>7</sup>Do original: “You just a black man in this world/ You just a barcode, ayy/ You just a black man in this world. Drivin’ expensive foreigners, ayy/ You just a big dawg, yeah/ I kenneled him in the backyard/ No, probably ain’t life to a dog/For a big dog”

<sup>8</sup>Efeito de aparecimento gradual (*fade-in*) ou desaparecimento gradual (*fade-down* ou *fade-out*) de imagem ou de som.

parece encaminhar a uma finalização da história que está sendo narrada. Nesta conclusão, a câmera abre para uma cena bastante escura, na qual depreende-se aos poucos que o personagem corre. Uma corrida, não de qualquer sujeito, mas do sujeito negro que foge de sujeitos brancos.

O discurso, segundo Pêcheux (1988 [1975]), é efeito de sentidos produzido entre interlocutores. Além disso, Pêcheux afirma que não basta os interlocutores falarem a mesma língua e possuírem um canal entre destinador e destinatário para que determinada mensagem enviada por um deles seja compreendida pelo outro, pois cada um estará inserido em determinadas *formações ideológicas* e entenderão a mensagem a partir delas, podendo ser de acordo com a intenção inicial do autor dela ou não. Assim, a corrida não corresponde ao ato de correr do sujeito negro, mas se transforma em algo compreendido instantaneamente por todos, uma perseguição. Sujeitos brancos que estão ao encalço de seus corpos, acosso que se faz presente não apenas na corrida muitas vezes literal, provida historicamente entre feitores e escravos ou contemporaneamente entre policiais e favelados, mas está enraizado na realidade sociocultural contemporânea. No seu período escravagista, negros fogem para não serem retirados de sua terra, negros fogem de capitães do mato, negros correm contra as violências imputadas pelo senhor branco, etc; na atualidade, a fuga persiste.

Dentre as frases, quase chorosas de quem canta, os efeitos de sentido são os de que não há caminho, pois, para os brancos, Galdino será sempre a sua pele, será sempre uma coisa que não vale: um corpo negro. Mesmo que esse tenha realizado inúmeras ações, utilizando-se de ferramentas discursivas, como forma de aproximação do que se lê ideologicamente como um sujeito branco.

Desse modo, faz-se necessário explicitar que, ao levarmos em conta a exterioridade de determinado texto, estaremos considerando as suas condições de produção, o seu sujeito e a ideologia desse indivíduo, pois segundo Pêcheux (1988 [1975]) “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”, logo, o discurso é a língua posta em funcionamento por sujeitos – que estão inseridos na sociedade - e suas ideologias gerando sentidos.

As frases do clipe apontam para o racismo que continuará acontecendo e para o negro enquanto produto e empregado, sendo este comparado aos animais, mostrando que haverá sempre uma diferença entre esses corpos. O discurso do clipe acentua a noção de que nada vale travestir-se, tendo em vista que os espaços para o negro e para o branco são muito bem demarcados pelo discurso dominante em nossa sociedade.

Acredita-se, dessa maneira, que a significação global do texto vai para além de signos, expressa uma relação com o total e intangível, como bem coloca Paul Zunthor

(2000) ao estudar a performance relacionada a poesia, mas a qual considera-se como igualmente válida para a música, visto que poesia e música possuem um nascimento comum.

Da performance à leitura, muda a estrutura do sentido. A primeira não pode ser reduzida ao estatuto de objeto semiótico; sempre alguma coisa dela transborda, recusa-se a funcionar como signo... e todavia exige interpretação: elementos marginais, que se relaciona à linguagem e raramente codificados (o gesto, a entonação), ou situacionais, que se referem à enunciação (tempo, lugar, cenário). Salvo em caso de ritualização forte, nada disso pode ser considerado como signo propriamente dito – no entanto, tudo aí faz sentido. (ZUMTHOR, 2000, p.75)

Ao se refletir acerca da citação de Zumthor, atenta-se para o fato de que a obra de Gambino dialoga com algo que é ancestral, que precede as palavras, que perpassa a sociedade de alguma forma. Neste viés, pode-se dizer que o vídeo do artista estadunidense é plurifacetada e experimenta uma relação entre o corpo e suas limitações sociais que vão além do falado. O ato de se travestir, bastante presente no clipe de Childish Gambino, relaciona-se ao corpo do sujeito discursivo que, ao performar identidade e ideologia, muda de lugar, o qual sendo branco vira negro e sendo negro torna-se branco; são corpos que, ao mesmo tempo em que se travestem, não deixam de performar com as regras de suas cores primárias definidas historicamente por discursos de ideologia de raça e cor.

## **Considerações finais**

Pêcheux e Fuchs (1997[1975], p. 311) dizem que "os sujeitos acreditam que 'utilizam' seus discursos quando na verdade são seus 'servos' assujeitados, seus 'suportes'", ou seja, os sujeitos estão inconscientemente inseridos em determinadas formações discursivas e produzem o que, segundo elas, pode e deve ser dito. Por esse motivo, não se considera o sujeito racista quando materializa o discurso "tradicional" em qualquer forma de discurso, devemos, pois, compreender o sujeito do discurso não como um sujeito individual, mas uma construção social discursiva permeada por sujeitos e ideologias situados em momentos históricos distintos que definem suas condições de produção a partir de relações de poder. É por este motivo que Gambino, como artista negro, entende a necessidade de, através de sua arte, colocar em xeque os elementos que atravessem esse discurso branco que toma o poder, desnaturalizando, dessa maneira, o preconceito que coloca o corpo branco de um lado, como aquele corpo idealizado e ocupante dos espaços públicos, e o corpo negro, como aquele que deve ser silenciado e dominado. Gambino

escancara um preconceito que é consumido por todos em seu dia-a-dia. O vídeo do artista escancara a fundamental superação das premissas que “perpetuam e também nos dessensibilizam quanto às manifestações do genocídio antinegros. Tal transformação radical é revolução” (VARGAS, 2010, p. 60).

Além disso, a historicidade do discurso sobre a pessoa negra constrói o imaginário sobre o seu papel social. Entende-se imaginário aqui como “a imagem que se fazem uns dos outros os participantes do diálogo” (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 82), ou seja, é a imagem que os sujeitos fazem de si e do outro em uma dada formação discursiva; é uma possível interpretação acerca de determinado objeto social. E, de tal modo, procura-se analisar o imaginário sobre o papel social dos corpos negros presente no discurso materializado no videoclipe “This is America” levando-se em conta a historicidade inserida nesse discurso, pois como afirma Orlandi (1994, p.57), “se se tira a história, a palavra vira imagem pura”, logo, a historicidade do dizer é que vai constituir esse imaginário sobre o corpo negro na sociedade.

No caso de Jim Crow, o corpo branco que se pinta de negro o faz para ridicularizar, para estereotipar. O próprio ato de pintar-se com tinta negra, já é por si só considerado cômico para a sociedade ainda hoje. No outro extremo, o corpo negro que busca tornar-se branco, o faz de uma maneira mais atrelada ao social, não utiliza tintas, mas busca pertencer, sentir-se aceito, acreditando que sua ascensão social depende diretamente desse processo de “embranquecimento”. Este corpo negro, é forçado a negar sua essência, um mecanismo do racismo estrutural que, ainda hoje, coloca como merecedor legítimo do poder o corpo branco. Entretanto, compreende-se que a mensagem que Gambino nos deixa, pela construção narrativa entregue em seu vídeo, é a de que os corpos negros, por mais que tentem se adequar às normas socioculturais vigentes, jamais serão colocados em um mesmo nível pelos brancos. As inversões demonstradas em “This is America” apregoam a impossibilidade dessas mudanças de papéis sociais, bem como a necessidade de que os negros advoguem por si mesmos em favor de uma total reconfiguração da estrutura social vigente.

## Referências

CARTOON NETWORK, . " The Trial of Robert. Kelly.' **The Boondocks**. Segundo episódio da primeira temporada. Cartoon Network, 2005. Online." Disponível em: <<http://www.dailymotion.com/video/x1k8vj>>. Acesso em: 26 Abr 2023.

COLLINS, Patricia H. "Os EUA têm instituições democráticas, mas não têm uma democracia". Entrevista para Publica - Agência de Jornalismo Investigativo. Disponível em: <<https://apublica.org/2019/10/patricia-collins-os-eua-tem-instituicoes-democraticas-mas-nao-tem-uma-democracia/>>. Acesso em: 15 Abr. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004 [1970].

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Tradução de: Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014 [1975].

GLOVER, Donald. **Childish Gambino - This Is America (Official Video)**. 2018. (04m04s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VYOjWnS4cMY>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de: Sônia M.S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. "Pedagogias da sexualidade". In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2000.p. 7-34.

MARTÍNEZ, Héctor Llanos. "As referências de 'This is America', o canto antirracista de Childish Gambino". 09 Mai 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/08/cultura/1525764736\\_166347.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/08/cultura/1525764736_166347.html)>. Acesso em: 26 Abr de 2023.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift Para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2010.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni P. (Org.). **Gestos de Leitura - da História no Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988 [1975].

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. “A propósito da análise automática do discurso”. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1975].

VARGAS, João Costa. A diáspora negra como genocídio: Brasil, Estados Unidos ou uma geografia supranacional da morte e suas alternativas. **Revista da ABPN**, v.1, n.2, p. 31 –65, jul./out. 2010. Disponível em:. Acesso em: 15 abr. 2023.

WITZEL, Denise Gabriel. “Discurso, história e corpo feminino em antigos anúncios publicitário”, **Alfa: Revista de Linguística**, Vol. 58, No.3, São José Rio Preto, p. 525-539, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de: Jerusa Pires Ferreira; Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.